



PRÊMIO
INCLUSÃO SOCIAL
arte, cultura e trabalho



BARULHO

**USUÁRIO(S) AUTOR (ES) DE TEXTO (S) (POESIAS,
CONTOS, POEMAS E DEMAIS EXPRESSÕES LITERÁRIAS)**

PRÊMIO
INCLUSÃO SOCIAL
arte, cultura e trabalho

**USUÁRIO (S) AUTOR (ES) DE TEXTO (S) (POESIAS,
CONTOS, POEMAS E DEMAIS EXPRESSÕES LITERÁRIAS)**



Conselho
Federal de
Psicologia

XVI PLENÁRIO GESTÃO 2013/2016

DIRETORIA

Mariza Monteiro Borges
Presidente

Lurdes Perez Oberg
Vice-Presidente

Maria da Graça
Corrêa Jacques
Tesoureira

Vera Lucia Morselli
Secretária

CONSELHEIROS EFETIVOS

Dorotéa Albuquerque
de Cristo
Secretária Região Norte

João Baptista Fortes
de Oliveira
Secretário Região Sul

Meire Nunes Viana
Secretária Região Nordeste

Rogério de Oliveira Silva

Sergio Luis Braghini

PSICÓLOGOS CONVIDADOS

Nádia Maria Dourado Rocha

Rosano Freire Carvalho

CONSELHEIROS SUPLENTE

Eliandro Rômulo Cruz Araújo

Viviane Moura de
Azevedo Ribeiro

João Carlos Alchieri
Suplente Região Nordeste

Madge Porto Cruz
Suplente Região Norte

Roberto Moraes Cruz
Suplente Região Sul

PSICÓLOGOS CONVIDADOS

SUPLENTE

Jefferson de Souza
Bernardes

COLETIVO AMPLIADO

Ana Maria Jacó-Vilela
Memória da Psicologia

Bárbara de Souza Conte
Psicoterapia

Carla Andréa Ribeiro
Assistência Social

Luciana Ferreira Ângelo
*Psicologia do Esporte
e da Atividade Física*

Vera Paiva
Direitos Humanos

Raquel Guzzo
Educação e Assistência Social

Rodrigo Torres Oliveira
Psicologia Jurídica

Silvia Koller
Relações com a BVS-PSI

Tânia Grigolo
Saúde Mental

COORDENADOR GERAL

José Carlos de Paula

COMISSÃO NACIONAL DE PSICOLOGIA E SAÚDE DO CFP:

1. Aparecida Rosângela Silveira
2. Carolina Freire
3. Décio Castro Alves
4. Eduardo Mourão Vasconcelos
5. Jefferson Bernardes
6. Loiva Maria De Boni Santos (In memorian)
7. Márcia Landin Totugui
8. Semiramis Maria Amorim Vedouatto

COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO INCLUSÃO SOCIAL

(composta por integrantes designados pelo Plenário do Conselho Federal de Psicologia e por membros indicados pelo LAPS/FIOCRUZ):

1. Eduardo Henrique Guimarães Torre;
2. Gilson Cesar da Silva (Babilak Bah);
3. Jorgina Ferreira Vanderlei Soares;
4. Leandra Brasil da Cruz;
5. Paulo Duarte de Carvalho Amarante;
6. Thelma Sydenstricker Aluares;
7. Thomas Josué Silva.

APRESENTAÇÃO

Esta Publicação registra as produções literárias de usuárias e usuários contemplados na Categoria D (“usuário/s autor/es de texto/s – poesias, contos, poemas e demais expressões literárias”) do Prêmio Inclusão Social.

O Prêmio foi uma contribuição do CFP, em parceria com o Laboratório de Estudos em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (Laps) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), para a consolidação da atenção psicossocial, em sua dimensão sociocultural, e teve por objetivo identificar, dar visibilidade e valorizar experiências individuais e coletivas, na perspectiva de fortalecimento de usuários e seu protagonismo.

A iniciativa buscou contemplar experiências de inclusão social (de usuários e familiares) em projetos econômico-sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs) e em equipes interdisciplinares da Rede de Atenção Psicossocial de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, em diversas categorias, como arte, cultura, trabalho e economia solidária.

Tais experiências, além de serem instrumentos fundamentais para relações democráticas, fomentam sensibilidade no que concerne à luta contra o preconceito e a segregação e, ao mesmo tempo, possibilitam recriar novas formas de relações sociais e de convívio com as diversidades. Percebe-se que o envolvimento das pessoas em sofrimento mental e vulnerabilidade social em projetos, a exemplo dos inscritos no Prêmio Inclusão Social, ajudam-nas a reconstruir suas vidas, a produzirem novos laços e a estabelecerem novos significados acerca de suas subjetividades.

A premiação revela que existem ricas e inspiradoras iniciativas no território brasileiro, em fomento à inserção social e autonomia, bem como à promoção e preservação de direitos dos principais atores da reforma psiquiátrica.

O CFP, sempre em defesa dos direitos humanos e de uma sociedade mais democrática, agradece a todas (os) as (os) usuárias (os) participantes do Prêmio e demais envolvidas (os) nas experiências apresentadas. Para além das produções aqui registradas, as experiências individuais e coletivas em todas as categorias do Prêmio, apresentaram significativa qualidade e diversidade regional, retratando louváveis avanços no processo de inclusão social e protagonismo de usuárias (os).

* A transcrição das obras literárias a seguir buscou preservar a grafia, conteúdo e a forma originalmente apresentados pelas (os) respectivos usuárias (os), em consideração à autenticidade das produções e ao devido direito das (os) autoras (es) em ter as obras reconhecidas como suas.

Alquimista das emoções, transforma sofrimento em beleza, amores perdidos em poesia, conflitos em consciência, loucura em denúncia, luta e cura, tecendo a sua existência como artesão cuidadoso da delicada matéria vida.

Ícone da luta antimanicomial, defensor da loucura e de outras formas de diversidade. Sua poética se contrapõe ao pensamento hegemônico. Rompe radicalmente com a imposição social de padrões. “Arrasta-me daqui loucura. Arrasta-me para a insanidade do bem. Porque o teu mal é menor do que o que eu vi no jornal”. “Quero errar cada dia mais certo.” “A loucura não é contagiosa, é contagiante.”.

É militante também do movimento dos artesãos. No seu box “Banca’ndo o Poeta.” na Feira da Torre a pessoa que compra o seu artesanato leva um poema. Assim, espalha poemas pela cidade e interage culturalmente.

Coordenou Oficina de Literatura no ISM-2007 a 2010.

Recebeu certificado de honra ao mérito - destaque cultural de Taguatinga 2000.

Participação em eventos literários:

- *Sarau Tribo das artes*
- *Sarau Poemação - Biblioteca Nacional*
- *Sarau da Barca Poética*
- *Sarau “Beco do Poeta”- Taguatinga-2014.*
- *Sarau do Coletivo de Poetas, sendo o “Homenageado do Dia”.*

Integrante do Grupo Celeiro Literário Brasiliense.

Publicações:

- *Acordelado do Artesão, ed. arteLetras, 2015.*
- *Coletânea de poemas Linguagem, edição bilíngue, no prelo.*

Aguardando publicação:

- *Psiu, Bisturi da palavra, Beba das Palavras.*
- *Prêmio Inclusão Social à coletânea de poemas e textos intitulada Rompendo Preconceitos no concurso “Loucos pela diversidade” do Ministério da Cultura e Fundação Oswaldo Cruz-2009.*

PHARMÁCIA DAS EMOÇÕES

A terapeuta se aproximou de um paciente e perguntou:

- O que você tem?

(pensei comigo - isso é tão chato e
pode até ser autossugestionável)

Respondia assim:

- Nada que um placebo não resolva.

Então ingeri mentalmente uma pílula poética,

Dessas que não tem contra indicação
nem causam reações adversas...

Descobri então que a minha loucura
é uma poesia crônica.

ARMAZÉM

A paz

É uma

ARMA...

Zen

BRILHO

Vi os teus olhos brilharem
Você viu o brilho nos meus
Será que o brilho
que eu vi nos teus
eram os brilhos dos meus
refletidos nos teus?

DO EU PARA MIM

Quando eu saio de mim
Não vejo quantos Eus
Cabem dentro de mim
Mas quando eu volto a mim
Vejo que nenhum outro eu
é tão importante
quanto o eu que mora em mim
Meu eu ia sendo expulso de mim
Quando outrem puxou meu eu
pra mim
Estou feliz em ter voltado
pois o outro eu era
um ser revoltado
Que nada tinha a ver comigo
Eu me caibo inteirinho dentro de mim

HORA CERTA

Não é tarde
a hora
em que
você vem.
Pois esta é
a hora
em que
eu paro
de esperar você.
Essa é
a hora
em que
você vem
E é nessa hora
que reside
o tempo presente.
O tempo já.
O tempo em
que você
está presente.
O tempo
do fim
de esperar.
O tempo que
você vem!

ESTE SOU EU

Queria ter uma licença poética
Não para desobedecer as regras
Ortográficas
Mas para alterar a regra social
Onde eu pudesse exercer
A minha identidade de um outro jeito,
No lugar da fotografia
Ter um autorretrato poético
Ou talvez uma coisa simples
Escrita assim

Este
Aqui
Sou
Eu

DESAFIO

Senhor Ferreira Gulhar
às vezes me dá vontade de jogar
um caramujo sobre o seu poema sujo,
para nunca mais o manicômio o senhor apoiar.
Sua poesia eu respeito, mas acredito que
se pelo menos um dia naquele detrito fétido,
humilhante, pasteurizante, excludor, desumano,
segregador, degradante, desolador,
negador das vontades, pavoroso,
aterrorizador, asqueroso, lugar de pavor vossa Alteza,
o poeta, tomasse por aposento,
duvido que nenhum lamento viesse sob a forma de poema,
a menos que a estadia lhe fosse tão desconfortável,
que lhe tirasse não a vida, mas a vontade de escrever,
pois entre paredes que oprimem,
não há mesmo nada de belo que o maior dos poetas
possa pensar ou dizer.

EDIFICAR SONHOS

Em que alicerce, ergueremos,
Nossos sonhos?
Na utopia;
Na quimera?
Nada disso,
Os sonhos são erguidos
No árduo trabalho,
Na soma dos anos.
Usando caibro de persistência;
Vigas de insistência;
Tijolos da sabedoria,
Amparados no desejo.
Cimentados.
Rebocados pela enorme
Força de vontade,
Em que o sonho faz
Uma parábola diferente,
Circunda o ar de esperança,
Numa silhueta do desenho
Em forma de coração.
Sim, porque só o amor
Produz sonhos,
E só a realização do amor
Constrói sonho idealizado,
Porque um sonho
Não seria um sonho,
Se não fosse para
Abrigar amor

TEAR

Tece o amor
o enredo a trama,
passa a linha,
 cruza
 enreda
 enrama
Faz o ninho em
uma boa cama.
Também faz da felicidade drama.
Pois às vezes,
tece tão pouco
que sequer enraíza
 a rama
Cria a vida, a sua
própria sina
e entre a sina
e a trama.
A vida tece,
por entre episódios
e fatos desfiados,
em que linhas se
 cruzam
fazendo fluir um
 novo matiz.
E nesse costura
 humana.
a linha do masculino
desliza suave sobre
 o feminino,
e tece o pano.
O pano e a tela
Onde a gente filma e
conta toda história
que um dia foi bela.

LABIRINTO

Onde está o novelo
que refaz o caminho
que me leva ao lado de fora.
O Minotauro já está vencido,
só falta refazer o caminho,
que me leva até você.
Enquanto isso deparo-me
com as paredes do labirinto.
São portas vazias...
tantos caminhos perdidos.
Portas que levam
a lugar nenhum
Coisas de labirinto.
Confusões mentais
e um vago caminhar...
lá dentro não tem referências
para sinalizar
Arquitetura malvada,
só há uma saída e
uma entrada...
e milhares de caminhos
que não levam
a nada.

UNS

QUANTOS TRAÇOS
SÃO NECESSÁRIOS
PARA DEFINIR
O QUE EU FAÇO

QUANTAS CORES
SÃO NECESSÁRIAS
PARA TINGIR
OS MEUS MOMENTOS

QUANTAS PALAVRAS
SÃO NECESSÁRIAS
PARA EXPRESSAR
MEUS PENSAMENTOS

UNS TRAÇOS,
UMAS CORES,
E ALGUMAS PALAVRAS.

2º LUGAR

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA SENA

Antônio Sena, paraense, cursando Psicologia, usuário do CAPS AD Marajoara, peão da construção civil, ex-morador de rua, entre idas e vindas várias recaídas, aprendeu a ser fortalecer no projeto de cidadania. Tornou-se poeta e já era cantor. Se autodeterminou: quero ser doutor e escrever livros, além de ajudar a resgatar outros “irmãos que ainda se encontram perdidos”, grande redutor de danos.

VENTO

Vento que vem de longe
Vento que vem do além
Sopra todo este encanto
Mostra aonde está meu bem.

Não deixe que eu fique no canto
Na vida eu sou de quem vem
Desfaça agora este encanto
Diga aonde esta meu bem.

Oh, Vento! Já chorei tanto
E o sol era o lenço amigo
Mostre-me o caminho do amor
Suave vento querido!

LAMENTO AO INFERNO VERDE

Isolar-me-ei ao seio da brisa
Só pra sentir de perto você.
Natureza floresce!
Vê teus lindos campos sorrindo
A morte em ti seria uma viagem
Ao ego da eternidade
Assim como a morte de um besouro
Em gotículas de sereno
Só viajando em ti
Pode alguém julgar-te
Que você é a solução da humanidade!
Natureza arme-se!
Não se deixe destruir!
Pois seria para mim,
Um projétil em meu peito
Saber que com você
Foram-se as ervas as papoulas,
Todo verde abençoado
Que será de mim?
Que será de nós?
Mas ecoará do fundo da minha alma,
Meu silêncio!
Se espantou com minha calma!
Selvagemmente gritarei por ti,
Ó Dalha Natureza!

3º LUGAR

SÉRGIO DOS SANTOS MACHADO

Sergio dos Santos Machado participou da primeira e segunda Coletânea do Clube Literário Jardim Ipiranga, participou também da segunda e terceira Antologia da Academia Gaúcha dos Poetas de Cordel, participou de uma Coletânea da AGEI, já publicou quatro livros de forma independente.

E-mail: sergiosantos211@gmail.com

SINAIS DE VIDA E MORTE

De manhã me acordo
Acredito que o céu é azul
Que vai pintar a transa da grana
Enquanto tomo café.
Quando saio para a rua
Os carros avançam
Deixando no movimento
Sinais de vida e morte.
Me apresso,
É hora do almoço
E na tarde, aflito,
O dia não passa.
Nem a moça que passa
Apressa a transa da vida
A lua se mostra bonita na noite,
Em meio ao jantar,
Notícias de um velho país.
Entra a madrugada,
O sono, cansaço,
O sonho calado,
Inconsciente do amor
E o véu da escuridão.

4º LUGAR

JOSÉ RENÊ DE SOUZA

José Renê de Souza, “Aprendiz de Poeta”. Conta 50 anos, residente no município de Guiricema/MG, usuário do CAPS do município de Ubá/MG desde 2013. O apelido de Aprendiz de Poeta se justifica na sensibilidade aguçada, seja com palavras, com as mãos e com as pessoas a sua volta.

A PORTA

Tem a serventia pra entrar,
Quando a porta você abre
Para todas que possa abrir,
Só se fecha pra quem não pode
É fechada para despedir,
Daquele que se vai embora,
Mas a porta é a proteção,
Da casa ela abre e fecha,
A única porta que fica fechada;
É a do céu, pois essa é a casa de Deus.

5º LUGAR

THIRSO RENATO PINTO JOSÉ

Reside em Porto Alegre, participa do grupo Oficineiros e Poetas desde 2015 e também da oficina Expressão e Arte, no GerAção POA. Tem poemas publicados em livretos poéticos.

O DIA

A poesia é o Dia

A Rotina é Minha Poesia

A Doce Poesia Que Anestesia

A Própria Poesia Chamada Vida

6º LUGAR

MÁRCIA COLLAR PEREIRA

Márcia Collar Pereira nasceu em 12 de junho de 1970. Começou a participar, desta Oficina GerAção Porto Alegre, em fevereiro de 2011. Em agosto de 2012, participou da V Edição do Concurso Nacional.

de Poesia e Pintura, Arte de Viver, da Editora: Janssen Cilag. A partir do ano de 2012, começou a participar da Oficina dos Oficineiros e Poetas, que, do qual é uma das Oficinas, existentes, nesta Oficina GerAção Porto Alegre.

O SOL E A LUA

E

N

A LUA

U

A

BRILHA

A

DE

A

NOITE

E, O SOL BRILHA DE DIA.

7º LUGAR

LUCAS DE SOUZA TOMÉ

Nascido em 30 de maio de 1986, começou a escrever “poemas” aos 15 anos na primeira série do 2º grau, mas seus textos, na verdade, não são poemas, são pensamentos e suas visões sobre variados assuntos como sentimentos, guerras, sonhos e outros tipos de inspirações. Gosta dos clássicos do cinema de horror como Halloween (1978) e Sexta-feira 13 (1980). Além disso, admira a arquitetura gótica e o rock.

VOAR PARA SEMPRE

Seus sonhos e desejos são tão reais quanto o ar que respiras e luminosos como os olhares do destino. Por estas terras caíste muitas vezes mas a vontade de lutar jamais acabará e a força que carrega em seus punhos, move os céus do medo para o esquecimento.

Como um falcão você deve voar pelo caminho da verdade e do conhecimento que percebe que o tempo faz milagres em cada uma de nossas almas. Com o brilho do seu tímido pranto entendestes que morrer não é a resposta, porém viver é a prova.

Voar para sempre é o que o futuro lhe reserva nas ondas do arrependimento. Voe para a vitória pois voar para sempre é o destino dos bravos.

(08/09/2015)



LEOPOLDO LUIZ RODRIGUES

Leopoldo Pontes nasceu no outono de 1958 na cidade de São Paulo. Hoje mora em Caraguatatuba, Litoral Norte Paulista, usuário do Caps II desde 2003.

Gosta de todas as artes de todos os tempos. Sua preferência é a contemporânea, seja na música, nas artes plásticas, na literatura, no teatro etc... Escreve como forma de expressão principal. Nunca foi participante de grupos, sempre atuou solitariamente.

Editou livros por conta própria em mimeógrafo e off-set. Tem vários registrados e inéditos: literatura, dramaturgia, poemas, ensaios etc... Trabalhou como jornalista escrevendo, reportando e fazendo programas de rádio. Também advogou durante alguns anos.

Recebeu o VII Prêmio Arthur Bispo do Rosário, outorgado pelo Conselho Regional de Psicologia/SP e publicado em coletânea em 2015, com o conto "A Casa de Gelatina".

POR QUE MULHERES COZINHAM O QUE NÃO PODEM COMER?

Fiz uma cocadinha. Quer? Pergunta Emília. Gulosamente, Henriqueta aceita e já vai catando duas. Ao experimentar a primeira, num rápido bocado, fecha os olhos e dá mais uma mordida. Saboreia lentamente. Depois fala: – Nossa, está uma delícia! Como é que você não engorda, sabendo cozinhar tão bem? – É que eu sou diabética, Dona Quetinha, não posso comer açúcar. – Ah, mas aí não fica tão gostoso... – Como é que a senhora sabe? Já fez? – Nunca!, Dona Quêta. Nunca! A receita é essa, não tem como mudar. – E cá pra nós, só aqui nós duas, diz uma coisa pra mim... entre mulheres... A senhora gosta de cocada? Hei? Gosta, Dona Emília? – Ah, falar assim até dá vergonha... – Gosta ou não de cocada? – Adoro! – Tenta, então, fazer outro tipo de produto, no lugar do açúcar. – Ah, num vale a pena, sempre fiz assim, todo mundo gosta... E a senhora que faz, num come!!! – É, as coisas são assim... É duro, mas é a vida. – É a vida que a senhora escolheu. Dá pra mudar... – Eu nunca escolhi ser diabética! – Mas escolheu fazer comida que não pode comer. Aí esta um exemplo de como a senhora faz o que não quer, e que não tenta mudar porque vive a achar que tudo é como sempre foi, e que nada pode ser feito para mudar. Puxa vida, as mudanças existem, e nós existimos para isso. Nós fazemos sempre a diferença para outras pessoas, mesmo que a gente não saiba. Por que não fazer a diferença para nós mesmos? A Dona Emília ouviu, ouviu e falou decididamente: – Eu acho que a senhora, Dona Henriqueta, devia ser mais resguardada, porque o seu marido não vai querer comer comidinha da senhora, se não tiver lá a bistequi-

nha dele. –Olha, Dona Emília, eu até faço a bistequinha, mas ele também come a minha verdurinha. Essa história de dizer que cozinha bem, mas só pros outros, e separar um pratinho só pra si, para mim tem a cara de uma daquelas antigas mães-pretas, da época da escravatura, que faziam as comidinhas que o patrão mandasse, e nem sempre comia da mesma comida. Os escravos ficavam com o chulé enquanto o feitor vestia o sapato. –Num fala assim, comadre, é até pecado! Não como chulé e minha comida é muito boa! –Num é não, Dona Emília. Quando a pessoa que faz a comida na casa não pensa no seu próprio bem estar, mas sente a obrigação de fazer o que todos fazem, só porque a receita é assim... –Ah, mas se a receita diz que é desse jeito, não dá pra mudar. Tem que ser do jeito que a receita manda. –E quem criou a receita? Novas receitas aparecem todos os dias, de tudo quanto é lugar, e o jeito de se alimentar vai sendo permanentemente mudado. Viu? A permanência está na alteração, não na manutenção. – Dona Henriqueta, Dona Henriqueta, uma coisa é brincar de comidinha, outra coisa é ter que fazer comida séria pra família inteirinha. –Olha, Dona Emília, às vezes eu até faço uma receita da família, do jeitinho que a bisavó da minha avó fazia, mas não dá pra ficar vivendo assim a vida toda. Uma coisa é perceber o sabor de um passado; outra, é saborear o que todos podem. Uma família não se pode dizer que é unida se não tem para todos a mesma cozinha. Tem que ter um credo só. Se um não pode comer pirão de peixe, não se faça aquele prato, a não ser quando essa pessoa se ausentar. E se alguém não puder com muito sal, porque tem pressão alta, não podem todos passar com menos sal, compartilhar a

mesma dor daquele um? –Ih, tá complicando! –Tá não Dona Emília. Serão todos mais felizes se puderem compartilhar, sentir o mesmo sabor, aprender a rever as suas vontades e necessidades. Isso é um segredo para a união entre pessoas. –Bem que tô mesmo precisando de mais coleguismo aqui em casa. Aqui é uma comida pra mim, outra pra família, e outra pro tio Geraldo, quando ele passa dias. Sabe, ele é cardíaco, tem que tomar cuidado com a pimenta. E eu que faço a comida pra todo mundo! –Por que, então, fazer uma comidinha para um grupo e outra para si mesma? Ou a cozinheira não cozinha mais para os outros, ou cozinhará para eles o que ela também pode comer. Não tem sentido eu fazer um bolo que não posso comer... Isso é escravidão, é reminiscência do tempo da escravidão. Ninguém tem que ser escravo. –É. –Pior: ninguém tem que se fazer de escravo para os outros. O bem-querer é uma via de duas direções, não posso querer bem aos outros se não consigo amar a mim mesmo. Trata-se de amor, uns pelos outros, sem reservas. Quando um não quer, dois não brigam, não é o que dizem? Então, quando um não pode, o outro aceita como se também não pudesse. E todos compartilham a mesma dor, transformando essa dor em alegria, alegria e prazer de não estarem sós. O sacrifício de se trazer a dor do outro para si é agora o prazer de compartilhar, e fazer alegria daquilo que antes era dor. –É, você pode até tá certa, Dona Henriqueta, mas e se o meu marido inventa de vir aqui na minha cozinha?, mexer nas minhas panelas, fazer a comida do jeito dele... Não tá faltando muito pra isso. Aí eu perco meu lugar na casa! Já pensou se meu nego começa a entender de cozinha? Quê que eu faço? Vai começar a se intrometer na ge-

ladeira, dar palpite, e vai acabar mandando na gente aqui dentro também. Olha, Dona Quetinha, pode falar o que quiser, mas eu daqui não tiro o meu pé. Continuo fazendo as comidas do jeito que aprendi, ninguém reclama e tá tudo bem. –Quem disse isso? –lh, minha comadre, pode faltar o que for, se eu não comer logo uma cocadinha, vou ficar é aguada. –Mas a senhora não pode! Vai fazer subir a diabete! A senhora mesma falou... –Um tiquinho só, um pedacico. Nem é preciso dizer, que nesse dia, a Dona Emília passou mal e a família deu brinca na Henriqueta por ter deixado a Mimi comer cocada. Foi parar no hospital. E nas visitas, bolacha de água pra Dona Emília e brigadeiros e queijadinhas para as amigas e parentada. Henriqueta visitou a Dona Emília só uma vez. Quando a mãezona voltou para casa, a amizade foi se diminuindo, arrefecendo até ficar só uma farinhazinha. Emília nunca entendeu a comadre. Acha que foi por causa da cocada. O verdadeiro significado do sacrificio. Quando sacrificamos um prazer por causa de outra pessoa, compartilhando esse vazio do outro conosco, nós o preenchemos com o gosto de estar juntos, saber um o que o outro sabe, conhecer um o que o outro conhece, e assim unir as vontades e necessidades como se uma fosse a outra; no final, teremos uma sendo a outra. É fatal! E muito bom. Experimente. A Dona Henriqueta tem feito isso com seu marido e seus filhos, e tem dado muito certo. Suas experiências estão na sua página pessoal www.donahenriqueta.com.br. Ou converse direto com ela, pelo correio eletrônico donahenriqueta@henriqueta.com.br, ou ainda pelo donaqueta@mimi.com. Já tem até editora querendo lançar seu livro de receitas.

9º LUGAR

ANA CLÁUDIA RAMALHO

Nascida a 27 de fevereiro de 1972, em Porto Alegre/RS. Possui graduação em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (POA/RS-2006). cursou a Especialização em Consultoria e Assessoria Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009) e é Colaboradora da Faculdade Porto-Alegrense – FAPA. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, em revisões textuais de português. Participa do CAPS - Centro de Atenção Psicossocial, do GHC - Grupo Hospitalar Conceição, desde 2014, no grupo de Arte Postal (<http://www.ghc.com.br/noticia.aberta.asp?idRegistro=7510>). E, também, do GerAção POA, desde maio de 2015, no grupo de Oficineiros e Poetas, produzindo poesias. Tem poesias publicadas em livretos poéticos produzidos pelo grupo de Oficineiros.

SONETO

Por inúmeras razões, deixa-me sonhar
um pouco mais com nosso amor
E em paz te deixarei
Sem mais, nem menos, nem por favor

Ao tirar de mim o que restava, do
pouco que já tinha,
E por ter passado por desilusões contínuas
Ficarei sozinha e tonar-me-ei sombria.

Fostes meu por gentil momento
E fizestes de minha vida
Uma centelha de sofrimento.

Quem deixará desta casa de sentimentos
Para ver o mundo com asas paranoicas
Não sou eu, mas sim, meu próprio invento.

(09/2015)

10º LUGAR

NELI ROSANE DE ROSA MORAES

Neli Rosane da Rosa Moraes, nascida em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, tem visão da palavra pela inspiração, expressando o sentimento de forma simples e profunda. Baseado em sua História Real. Participou de Oficina de Narrativa chamada “Em cont(ri) os das 18h” em 2008 com a professora Cristina Dias. Também foi selecionada na categoria Poesia no evento “Histórias de Trabalho 13º Edição” realizado em 2006. Como preparação, realizou oficina “Narrativa do Trabalho”. Em 2007, participou do prêmio Lilá Ripoll de Poesia, organizado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Participou de Oficinas de poesias e narrativas promovidas pela Prefeitura de Porto Alegre. Desde 2008 participa do grupo de Oficineiros e Poetas no GerAção POA, tendo poemas publicados em diversas edições de Livretos Poéticos.

A GAVETA

Olhando o quarto da menina, cor-de-rosa, a persiana meia folha
Sentada na cama a recordação viaja no espaço da janela.

Nos dias de frio vejo crianças lá fora pedindo esmola,

O Ônibus corre na linha e alguém sentado lê um poema,
pela janela a paisagem é deslumbrante.

Em frente a parada, uma música na vitrola se confunde
com a vida e no meu pensar a dor do dia

O dia frio que olho esvoaça os cabelos das mulheres
que requebram assanhadas,

As roupas compridas que não esquentam

O mendigo, companheiro do cachorro que se abriga
e se espreguiça na diferença da cultura

Eu a pensar em Jenifer, quanta diferença a arrumar a Gaveta

Gavetas empilhadas e abertas, estendidas as roupas já
nem tem lugar, apenas algo que ganha todos os dias que
chaga em casa mesmo na rotina da vida é saliente

Este que esquento comprido o valor da vida, a felicidade. Entre
a porta ela espia o trânsito comigo na rua e enquanto os carros
coloridos se confundem no vai e vem da liberdade da diferença.

Jenifer volta a arrumar as gavetas no olhar profundo
da imaginação. A gaveta parece gemer.

As roupas de todos os tipos cores e jeitos, blusas e mantas.

Será que abrigam o inverno da gaveta que
geme como do menino da rua?

No coração da menina transborda essa gaveta com
algo que permanece guardado no segredo da vida!

(15/09/2015)

11º LUGAR

IRACEMA DE OLIVEIRA

Iracema de Oliveira, mais conhecida como Dona Iracema. 65 anos, residente em Ubá/MG, usuária do CAPS do município desde 1999. Muito voltada à arte, seja nas produções de artesanato, pintura, teatro, canto e poesia, em que trabalha páginas e mais páginas de sua autoria.

ACRÓSTICO

Ama os amigos com sinceridade e gosta de brincar.

Não deixa para depois o que pode fazer hoje.

Dentro do seu coração almeja paz interior.

Renasce a esperança quando pode desabafar.

É amigo de quem quer e sabe te respeitar.

Lindo é o seu falar e o seu sorriso com seu jeito de pensar.

Une os seus esforços com quem pode te ajudar.

Indo com cautela para não se machucar.

Zombaria não te engana, sabe disseminar e calar.

Dor forte bate no peito, quando alguém não quer te respeitar.

Onde há paz e amor, tudo pode modificar.

Saiba fazer amizade, para sozinho não ficar.

Solte gritos de alegria, faça a vida vibrar.

Ande com bons companheiros, para com eles se alegrar.

Nada de piadas de mal gosto, pois tens família para cuidar.

Todos os dias faça uma prece, para Deus te abençoar.

Ontem é o passado, hoje é o presente, seja amigo para brincar.

Somos gente de esperança, vamos alegres caminhar.

Amando sua família, bons frutos colherá.

Zeloso com tudo e com todos, é este seu jeito de amar?

Engrandece seu espírito, com o perdão e o sorriso que tens para dar.

Vendo que não és sozinho, feliz se sentirá.

Enquanto estiver se modificando para o melhor, a paz encontrará.

Dá atenção a todos e respeita os mais velhos, você sabe amar.

Onde há necessitados, oferece suas mãos para ajudar.

AMOR DE VIÚVA

Naquele rochedo tão alto, que ninguém possa alcançar, sentou-se a pobre viúva, sentou e pôs-se a chorar, a chorar, a chorar...

Me diga senhora viúva, com quem queres se casar... se é com o filho do conde, se é com o senhor General, General, General...

Não é com nenhum destes moços, porque eles não são para mim, eu sou uma pobre viúva, triste, coitada de mim, ai de mim, ai de mim...

Marido morreu no tempo das flores, acabou minha alegria, acabou meu amor

Vem cá meu bem, quero te contar:

Amor de viúva é capaz de matar.

12º LUGAR

LUÍS FRANCISCO LOUREIRO

Nasceu em 07 de junho de 1969. Natural de Porto Alegre, região sul. Tornou-se poeta amador desde quando tinha 18 anos. Escreve em livretos poéticos da GerAção POA desde 2004. Atualmente faz parte dos Oficineiros e Poetas da GerAção POA. Escreve por inspiração e faz acrósticos poéticos.

DOUTORES DA ALEGRIA

É chegada a hora de refletir e falar

É tempo de ensinar

De evoluir e retribuir

O que ensinaram para todos

São anos de preparação

Diversas raças misturadas

Fazendo, dando o melhor de si

Para completar a existência

Que ensina com muito amor

O que lhe foi concedido com o tempo

Basta refletir e sentir com simplicidade

Com carinho, amor e dedicação

Existem pessoas abnegadas como vocês

A estarem prontas para aconselhar

A ouvir, a serem amigas

Nas horas mais difíceis da vida

Hoje é um dia especial pelas conquistas

Para serem Doutores da Alegria

Não basta ter diploma tem que ser humilde

Tem que ter vocação para estar ao lado do que sofre

Tem que ser muito amigo

Doutores, Psicólogos, Recepcionistas

Equipes tem que ser um só

Este verso é comemorativo de nós para vós

Na certeza do futuro brilhante de cada um

Bº LUGAR

MARIA CLARICE GOMES DE SOUZA

Maria Clarice Gomes de Souza escreve poemas desde 2008. Influenciada por Carlos Drummond, Fernando Pessoa e Clarice Lispector, passou a escrever depois da experiência do sofrimento psíquico. Tranca-se no quarto para escrever no silêncio. Depois de produzir seus poemas tem a sensação de alívio e bem estar. Escreve sobre loucura, amor, mosaico (é também mosaicista), cores, primavera, desejos, vozes, etc.

Teve poema publicado no projeto “Eu Lírico”.

Participou de eventos como:

- *Poemação- Biblioteca Nacional*
- *Pipocando Poesia*
- *I Semana Cultural do ISM*
- *Vários eventos relacionados à luta antimanicomial*

COR DE DESEJO

Cor de íntima integridade
 de fantasia extrema
 de sexualidade original
 de liberdade inocente
 cor do poeta
 Dica do amanhã e do agora
 Prazer de delícia
 Prazer de delícia imensurável
 e delicadeza sacerdotal ou até mesmo mística,
 porém exuberantemente e doce.
 Elos de sensualidade supridas
 Caminhos explícitos de uma vida sem censura
 Paraíso Angelical

PRIMAVERA

Quero essas tais cores para enfeitar a rua
 de flores, com flores da primavera.
 Quero flores da primavera, que lembra a juventude.
 Quero essas tais cores para enfeitar a es-
 tação, sem o silêncio perturbante.
 Quero atravessar neste campo se for preciso.
 Pois sinto o cheiro de lírios dos cam-
 pos que embriagam meu olfato,
 Lírios outra vez e tornam novamente a embriagar o ar.

74º LUGAR

FABRÍCIO DE ARAÚJO MACHADO

Nome: Fabrício Machado

Lema: “O primeiro passo para viver com sabedoria é renunciar a vaidade.

“Epicteto experiência: Tenho muito Amor para compartilhar
Ocupações e trabalhos: A Improviso.

Produções Artísticas:

Projeto Um mundo Mais Sensível.

Participa atualmente do Centro de Convivência e Cultura Cuca
Fresca e Oficina Cultural Geppetto.

Cidade: Goiânia

Estado: Goiás

Nacionalidade: Brasileiro Universalista

Telefone: Um abraço

Idade: Agora. O momento.

Data de nascimento: A cada instante

Cargo desejado: Relações públicas de Amor Fraternal

Prestações de serviço: Consultoria para Sensibilidade e Lirismo
para a Felicidade

(Nossa consultoria não é auto ajuda e sim instigação ao
autoconhecimento)

Intenção de ganho salarial: Um mundo melhor

Filosofia Prática contra uma vida sem sentido.

E-mail: ummundomaissensivel@gmail.com

Telefones para contato (Falar com Fabrício Machado): 8260-9783
9244-0178 -3282-0711

O UNIVERSO E A MENINA

Eu me torno um com a música
Sou o som
Adestro no vento
Me desvestir do tempo
Me desinvento e toco você
Adentro pelos ouvidos
Mexo em seus cabelos
Adentro pela sua roupa
Estou em seu sexo
Sou a sua alma, sabia?
Desintegro meu corpo
Sou o seu corpo
Entorno meu Amor em você
Então eu danço
Com integridade e loucura
Eu sou a sua cura, a sua cura
Reinvento o universo
Verso em tudo
Deus está em tudo
Eu sinto você
Eu sou você
A onça que ruge
O gato que espreguiça
O cão que ladra
O rato que foge

O pássaro que voa
A minhoca que se esconde
O ladrão que conquista
Sem deixar pista
Eu sou o metal
Que derruba os muros
Sou o jazz calmante em sua flor
O rock que te faz balançar
Sou todos os ritmos
O ritmo do seu movimento
Sou seu movimento indo e vindo
Sou a floresta que te abriga
E a liberdade que te obriga a Amar
Não há liberdade sem Amor
Sou a dança das meninas
Que desenjaula a alma
E voa pelo ar
Sou a vinda, a ida, a contramão
Sou a sequência certa de tudo
Sou a resposta da luz
O beijo na escuridão
A mão que toca o corpo-violão
Sou a reunião do que não se pode medir
Sou sua alma
Adentro seu pensamento
Sou seu tato, olfato, paladar, visão

Sou a sua audição
Seu sexto sentido
Sua verdade
Sua ilusão
Sou a volta do Amor
Sou o barco que te chama para partir
Sou a condução que te traz
Sou a navegação que te leva para longe da forma
Te livro da prisão
Sou seu livro de cabeceira
Sou tudo, o meio e a beira
Sou a liberdade de me ensinar
Sou a sua liberdade de comigo aprender
Sou a reforma da forma
Sou a chuva na sua janela
No seu telhado
No seu ouvido
Sou o pingo da chuva que baila no ar
Sou ar
Sou a sua respiração
Sou o gemido de prazer
Sou a sua pureza
Sou a criança querendo voltar
Eu sou você
Sou a flauta nos lábios de lírio
Libertando os filhos da escuridão

Sou inocência em seu coração
A emoção racional que você suspira
Sou a libertação
Sou a sua emoção mais gostosa
Sou o espinho
Sou a rosa
Sou a borboleta em sua mão
Sou os anjos que te chamam
Sou o dragão
Sou a menina
Sou a certeza
Sou a improvisação
Sou o demônio que te lava
A nuvem que te leva
Sou a asa que te eleva
Eu sou o sol
Sou a flor e sou o arrebol
Sou a tempestade
Sou você.

15° LUGAR

ANDRÉ RICARDO MARQUES DE SOUZA

In memoriam

UM LUGAR PARA SER FELIZ

Apresenta-se o tempo
E oportuno seja – o momento –
Sentiam-se afins
No ensejo do exemplo
A dizer: “- Volta pra mim!”.
O sereno e o perplexo.
Recôndito no nexo
No acontecimento dos idos.
E nem bem complexo
Um d’outro eram queridos.
Tinha de se convencer
- O templo Febril -
Ganhava-se ao se perder,
No “exercício” a entender
Os encantos mil.
Da melodia à alvorada,
Temporal é a morada...
Símbolos a entrever
O degrau e a escada
E o afã de renascer.
A renúncia, entrelinha
Que de pronto à Luz se alinha,
- Eís o ornamento –
É néctar do mais puro vinho
Sob a égide ébria do intento.

E aos astros a conhecer,
Perguntam-se: “- É você?” ...
A distância percorrida.
Disse: “- Sim, há que ser!”.
O acaso é a Vida...
Salvo maior e, todavia,
Nos Dia’ logos’, a Poesia.
“Pena” e tinta, cores aos pares,
Transcrita pela cria
Na alegria ou pesares.
No “palco”, o improvisado,
- Silente sorriso: “É comigo?”.
As vozes a gargalhar.
Soubessem elas interpretar
O arquétipo: “Ele é contigo!”.
E o retrato oportuno
A espera da então causa
- Contemplação noturna –
E em desambição, a “fortuna”,
Propõe-lhe asas.
O olhar, o mais lindo,
Como quem diz: “- Seja bem vindo!”.
Era dela, estrela ela, súbita e cadente,
A insinuar em seu conjunto infindo:
“- Eis em mim o teu presente”.
E eu que então voltei do passado,

Sob o arnês volitivo a volver
Faísca. “- As cordas!”. E amordaçado,
O que dista do que é vir a ser,
A sofrer... O encontro, ele fora desejado!
“- Inda há esperança!”,
Ela é a última que morre.
E eis que de repente, “brado” socorre,
A trazer o dançar conforme a dança
Ao peregrino que a ela implore.
Há que um dia se viver de amor,
E o que melhor me aconteceu na vida
Diz-me: “- Adeus!” e, é certo, me não olvida,
Face o ambíguo no cerne do valor;
“- Quem sou eu?” – Criação do Autor!
O sorriso que me fora ofertado um dia
Esqueci-me dele, quando em vez, sorria.
E eis o descrédito, a consciência ao léu.
“- Ora, penso que me nada mais restaria
Não fosse o perdão inda sorrindo no céu!”.
Por fim, o arbítrio, ele é livre.
O espelho reflete mesmo que se esquive.
Te aceita de bom alvitre e ao coração
E não te esquece mais – a alusão – de teu irmão.
“Morre” para si... Assim é que se vive!

16º LUGAR

HENRIQUE ARANHA ARAÚJO RAMOS

Henrique Aranha Araújo Ramos é nascido em Brasília e tem 28 anos. Seu contato com a arte iniciou aos 12 anos, por meio da música. Foi presenteado com uma guitarra e, a partir disso, foi aprimorando um talento nato. A partir do 15 anos passou a interessar-se por produções poéticas, juntamente com produções musicais. Permaneceu certo tempo sem realizar produções literárias, tendo retomado esta arte aos 19 anos, por ocasião de uma internação em clínica situada na cidade de São Paulo.

MUSA

Musa enluarada em proesas de jasmim

Adulam-te as prímulas em tálamo marfim

O encanto em teus olhos jamais haverá fim

Flor que me decanto em carícias d'um jardim.

17º LUGAR

SÉRGIO ROBERTO DUARTE DE MEDEIROS

Residente em Porto Alegre, é ex-usuário da GerAção POA (Oficina de Geração de Renda). Também é ex-membro do grupo de Oficineiros e Poetas da mesma instituição. Atualmente é membro de uma associação de serviços de usuários dos serviços de saúde mental – Associação Construção.

Certo dia,
No meio da noite,
Ele viu-se como uma pessoa alegre e inocente
Brincando num jardim de grandes proporções,
Em meio a flores coloridas e aromáticas
Sentindo-se uma brisa suave soprando-lhe no rosto.
Enquanto isso,
Borboletas de variadas cores flutuavam à sua volta
Como um corpo de bailarinas
dançando ao redor da fonte,
Num espetáculo lúdico e arrebatador,
Sem uma plateia específica,
Nem um fundo musical de uma orquestra instrumental;
Mas na sua imaginação,
Uma sinfonia de pássaros e de animais silvestres
Entoava uma grande canção,
Encantando a tudo que havia de vida
nos bosques e nas florestas,
Todas as criaturas do mundo intermediário
Sob a regência do divino maestro.

18º LUGAR

JOÃO EMÍLIO REICHELDT

João Emílio Reichelt. Reside em Porto Alegre, nasceu em 1969. Formado em jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria em 1992. Cursou filosofia pela metade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no final da década de 90. Começou a escrever durante o curso de jornalismo. Tem por característica uma poesia intimista. Entrou para o Gerapoa em 2014, onde participa do grupo oficinairos e poetas. Lê poesias em saraus e publica coletivamente.

PROJETOS DE UM DIA DE SOLIDÃO

Meu sonho

Suponho!

Se cala com meu pranto

A retina do ego

Se mascara

Ao óbvio do vento

Na mira

À beira da esquina

Meu passo desata o chão

Carrego, clareza à vista

Misturo, veneno e causa

Dor, pó e paixão

Este livro foi composto em agosto de 2016,
impresso em papel reciclado para capa e miolo



Conselho
Federal de
Psicologia

